

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL¹

Dionete Tatiane Rodrigues²

Adriana Raquel BinsfeldHess³

RESUMO

Este artigo teve o objetivo de investigar sobre a violência doméstica e seus impactos no desenvolvimento infantil. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos em português, publicados no período entre 2007 a 2012 e a busca foi realizada em março de 2013. O método utilizado foi a revisão sistemática de literatura. Foram utilizados os descritores “*violência doméstica`and` crianças*”, em português na base de dados SCIELO.br (Scientific Electronic Library Online). Os resumos foram analisados através de sete categorias: 1. Tipo de produção; 2. Método utilizado no artigo; 3. Profissão do pesquisador que publicou o artigo. 4. Revista em que o artigo foi publicado; 5. Ano da publicação; 6. Foco do artigo. 7. Problemas de saúde mental apresentados pelas vítimas (crianças). Pode-se concluir que a maioria dos artigos são estudos empíricos, utilizando método quantitativo. Os médicos são os profissionais que mais publicaram sobre o assunto e a Revista Saúde Pública se destacou com maior número de publicações. Os anos de 2007, 2008 e 2009 se sobressaíram no número de publicações. Foi encontrada uma diversidade de problemas de saúde mental apresentados pelas vítimas e em relação ao foco dos artigos, predominou o assunto violência doméstica e saúde mental infantil. Por fim conclui-se que, a violência doméstica é um grande problema de saúde pública, sendo visível a necessidade de investir em estratégias de caráter curativo e preventivo.

Palavras-chave: Criança. Violência doméstica. Família. Saúde mental.

¹Artigo de pesquisa apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), como requisito parcial para a aprovação no Curso de Pós Graduação em Dependência Química.

²Assistente Social. Pós-graduanda em Saúde Mental pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: dtatiane28@gmail.com

³Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica. Doutoranda em Psicologia (UFRGS). Docente das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Orientadora do Trabalho de Conclusão. E-mail: adrianaHess@faccat.br

1 INTRODUÇÃO

A violência é um problema social grave que atinge boa parte da população (PFEIFFER et. al, 2011). Especialmente neste século, essa questão vem sendo tratada como uma demanda social que necessita de atenção nas áreas da segurança, educação, assistência social e saúde.

Para Pereira (2009), a violência que ocorre no ambiente familiar recebe a denominação de violência intrafamiliar ou doméstica, não distingue classe social, etnia, credo religioso etc. Para Paiano et.al (2007), a violência doméstica quando incide sobre crianças é identificada quando existe ação e/ou omissão cometida por adulto com maturidade física e/ou psíquica, que desempenhe sobre a vítima a função de cuidador ou responsável. Tal violência geralmente é cometida pelos pais, pessoas com outro vínculo de parentesco, convivência, afeto, etc. Ou seja, muitas vezes ela parte de membros da família, que essencialmente teriam a função de cuidar e zelar por todos seus direitos.

Azevedo e Guerra (2001) referem quatro tipos de violência doméstica: ela pode envolver situações de abuso sexual, agressões físicas e verbais (psicológica) ou negligência por parte dos responsáveis à criança, bem como a violência intrafamiliar que é presenciada pela criança ou adolescente, mas não deixa de ser uma forma de violência. Cada uma destas formas pode apresentar-se através de diferentes sintomas no cotidiano de crianças, e existem indicadores orgânicos que sinalizam a possibilidade de ocorrência de violência doméstica.

Em relação às diferentes formas de violência doméstica, o mesmo autor cita a violência física como ações que causam dor física e os principais agressores são os próprios pais ou responsáveis que utilizam essa violência como forma de domínio sobre os filhos. A violência sexual é todo ato ou jogo sexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, objetivando estimular sexualmente esta criança/adolescente, ou utilizá-lo para obter satisfação sexual, sendo essa uma das violências mais graves pela forma como afeta o físico e o emocional da vítima. Já a violência psicológica é classificada como toda interferência negativa do adulto sobre as crianças formando nas mesmas um comportamento destrutivo. Há casos de pais que sob o pretexto da disciplina ou da boa educação, submetem os filhos a vexames, gritos, queixas, comparações, palavrões, chantagem, entre outros, o que pode prejudicar a autoconfiança e autoestima. E por fim a negligência que

interpretada também como descuido, ausência de auxílio material e financeiro, deixando a criança e o adolescente exposta a situações precárias: desnutrição, baixo peso, doenças, falta de higiene, etc.

Conforme rege o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 1990), instrumento legal de proteção, consta no artigo 245, que diante de situações de violência na infância e na adolescência, ao ser identificada a violência ou diante de qualquer suspeita, os profissionais tem o dever de conduzir a notificação, bem como realizar demais encaminhamentos com vistas à proteção da criança e do adolescente. Pois estão previstas penas para médicos, professores e responsáveis por estabelecimentos de saúde e educação, caso omitam essas formas de violência.

Cabe ressaltar que a violência familiar representa um importante fator de risco para o adequado desenvolvimento e integração social. Abranches e Assis (2011) também referem que mesmo essa violência sendo frequentemente justificada pelos agressores como formas de educar e corrigir comportamentos indesejáveis, não exime os familiares de serem responsabilizados, pois trata-se de atos inadequados e que poderão prejudicar as crianças que vivem nesse ambiente ao invés de educar.

Para Zambom et. al (2012), a violência doméstica pode causar diversos prejuízos na vida de crianças, pois costumam reproduzir aquilo que vivem através de suas brincadeiras, atitudes e aprendizagens. O primeiro grupo social que a criança tem contato é a família e entendemos que é atribuição desta propiciar um ambiente seguro e tranquilo. Os autores referem ainda que, experiências de violência ocorridas durante a infância poderão interferir de modo significativo no desenvolvimento futuro, apresentando dificuldades de aprendizagem, déficits emocionais e até transtornos mentais graves.

Em 2009, o Ministério da Saúde publicou que em média, 18 mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia no Brasil. Os dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) mostram que 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes foram causadas por parentes próximos. Ainda de acordo com o UNICEF, de hora em hora morre uma criança queimada, torturada ou espancada pelos próprios pais e 80% dos casos atendidos nas emergências hospitalares são consequência da violência cometida dentro de casa.

As crianças estão em fases de desenvolvimento que serão fundamentais ao longo de sua vida, Silva et. al (2008) mencionam que, para que isso aconteça de forma saudável é preciso que o ambiente familiar proporcione boas condições,

incluindo estímulos positivos, afetividade, equilíbrio, relação familiar harmoniosa, diálogo, entre outros. Assim sendo, esse trabalho visou revisar a produção científica referente ao impacto da violência doméstica na infância, juntamente aos sintomas que transcorrem na vida destas crianças, com enfoque no contexto familiar.

2 MÉTODO

Para a obtenção dos artigos a serem analisados, utilizou-se os descritores “*violência doméstica and crianças*” em português, na base de dados SCIELO.br (Scientific Electronic Library Online). A pesquisa compreendeu o período de 2007 a 2012 e foi realizada em março de 2013.

Os critérios de inclusão foram artigos que abordassem aspectos relacionados a crianças vítimas de violência doméstica; saúde mental e desempenho escolar das mesmas, diante dessa forma de violência. Foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: artigos com amostras de crianças em situação de acolhimento institucional; que avaliavam especificamente as situações de abuso sexual e por fim, artigos que tratavam sobre notificações e experiência de identificação de casos de violência doméstica nas unidades básicas de serviços de emergência.

Inicialmente foram encontradas 36 publicações. Foi realizada uma revisão minuciosa, considerando os critérios de inclusão e exclusão, chegando ao número final de 09 artigos a serem analisados.

As categorias de análises dos artigos estudados foram as seguintes: 1. Tipo de produção: revisão teórica e estudo empírico; 2. Método utilizado no artigo: quantitativo e/ou qualitativo; 3. Profissão do pesquisador que publicou o artigo. 4. Revista em que o artigo foi publicado; 5. Ano da publicação; 6. Problemas de saúde mental apresentados pelas vítimas (crianças). 7. Foco do artigo: Violência doméstica e Saúde Mental Infantil; Desempenho Escolar da Criança Vítima de Violência Doméstica; Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente constatou-se que a maior parte dos artigos tratava de estudos empíricos 56%, seguido de artigos de revisão teórica 44%. Os dados podem ser observados no Gráfico 1:

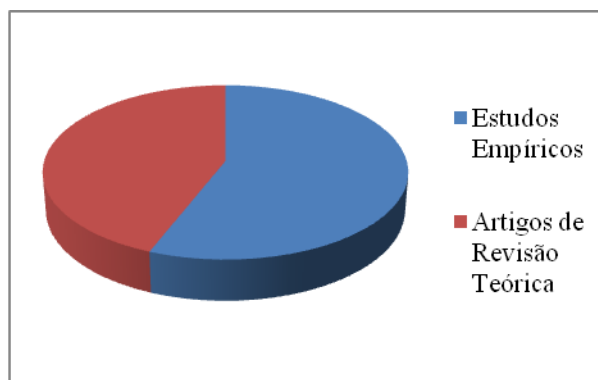


Gráfico 1 – Tipo dos estudos sobre violência doméstica e crianças

Em relação ao método, verificou-se maior número de estudos quantitativos 66% e de estudos qualitativos 34%, conforme pode ser observado no Gráfico 2. Cabe ressaltar que alguns resumos não informavam claramente o delineamento do estudo, sendo necessária a leitura e análise do artigo na íntegra, de modo que a partir de características dos participantes, instrumentos e análise de dados realizados era possível essa classificação.

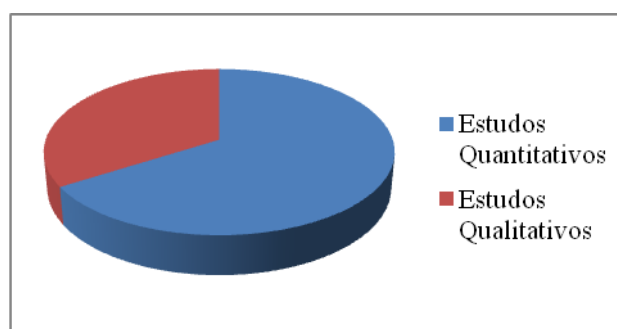


Gráfico 2 – Método utilizado nos artigos

Ao analisarmos os pesquisadores dos trabalhos publicados, observamos a predominância de profissionais da Medicina 45%, seguida de equipe multiprofissional (médicos, pedagogos, assistentes sociais e terapeuta ocupacional) 33%, Psicologia 11% e enfermeiros 11%.

Através da pesquisa realizada, inicialmente pode-se perceber que o tema violência doméstica e crianças continua presente nas pesquisas científicas. Através deste levantamento podemos refletir que para muitos desses profissionais pode ser uma necessidade buscar estudos e pesquisas com vistas a aprimorar seus conhecimentos, bem como orientar e auxiliar os indivíduos que procuram seus serviços em momentos de fragilidade.

Para Ferriolli et. al (2007) é de suma importância que diferentes profissionais pesquem sobre esses temas, para que seja possível oferecer uma atenção integral ao público alvo. A importância de estudos por profissionais diversos, a visão multi e interdisciplinar para o assunto, já que nenhuma ciência seria capaz de abranger todo o conhecimento necessário sobre uma questão tão complexa como a violência doméstica e o desenvolvimento infantil. Os dados podem ser observados no Gráfico 3.

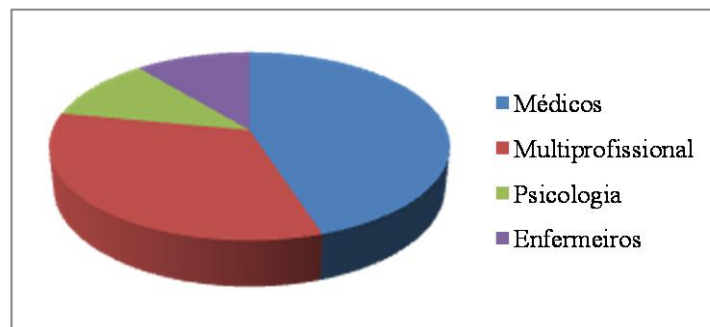


Gráfico 3 - Profissão dos profissionais pesquisadores dos artigos

Houve uma diversidade significativa no que se refere às revistas que publicam sobre violência doméstica e crianças (veja no Gráfico 4). A Revista Saúde Pública (RSP) apresentou 33% das publicações, Revista Psiquiatria Clínica (RPC) 22%, Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano (RBCDH) 11%, Revista Estudos Psicologia – Natal 11%, Revista Brasileira Psiquiatria 11%, Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa 11% e Revista Temas em Psicologia 11%.

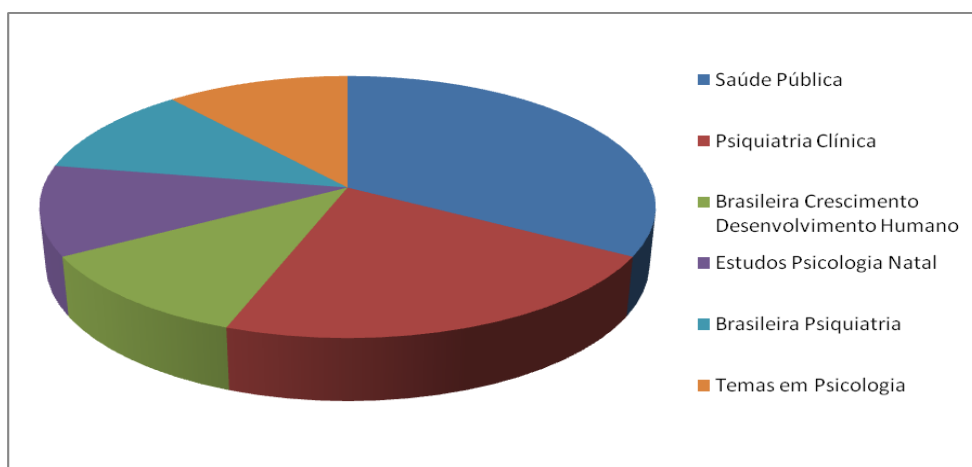


Gráfico 4 – Revistas que publicaram sobre o tema violência doméstica e crianças

Pereira et. al (2009), refere que a revisão da literatura dos últimos anos sobre

violência doméstica mostra a existência de diversas publicações no Brasil e no exterior. No entanto, quando se realiza a associação desse tema com a infância e ou desempenho escolar, o volume de pesquisas se restringe. Em 2007, 2008 e 2009 foram encontrados dois artigos publicados a cada ano e posteriormente nos anos de 2010, 2011 e 2012 um artigo a cada ano.

Em relação ao foco dos artigos estudados, 44% dos temas tratavam sobre Violência Doméstica e Saúde Mental Infantil; 33% sobre o Desempenho Escolar da Criança Vítima de Violência Doméstica e 33% eram artigos relacionado as Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.

Silva et. al (2008) discute o impacto das variáveis da família sobre o desenvolvimento infantil, especificamente fatores de risco e proteção, mas com enfoque principal nas questões do desenvolvimento escolar. Por outro lado, Pereira et. al (2009) preocupou-se em caracterizar o desempenho escolar da criança vítima de violência familiar, principalmente quando já se encontram na instância judiciária.

Em relação aos artigos estudados, Ferriolli et. al (2007); Milani & Loureiro (2009); Paiano et. al (2009) e Ribeiro et. al (2009) analisaram a associação entre variáveis do contexto familiar, violência doméstica, fatores de risco e proteção e a ocorrência de problemas de saúde mental que se desenvolvem em crianças vitimizadas. Os estudos sobre tais fatores refletem inquietação aos profissionais de saúde, mas são fundamentais, auxiliando-os no diagnóstico e tratamento para este público.

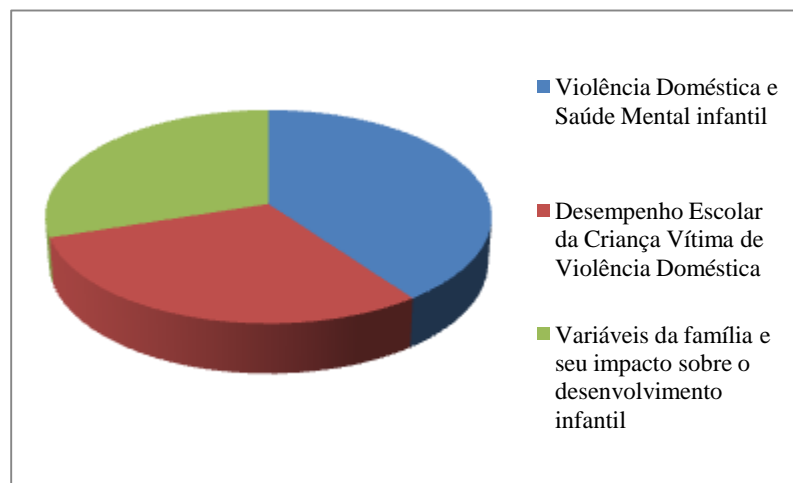


Gráfico 5 – Foco dos artigos estudados

Os problemas de saúde mental apresentados pelas vítimas, conforme Gráfico 6, foram Vários tipos/não específico 33% (Variáveis da família e seu impacto sobre o

desenvolvimento infantil; Exposição a violência e problemas de saúde mental em países de desenvolvimento: uma revisão de literatura; Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no PSF), Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade 22% (Ambiente familiar e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; Transtorno de déficit de atenção e do comportamento disruptivo: associação abuso físico na infância), Dificuldades de Aprendizagem 22% (Crianças em risco psicossocial associado a violência doméstica: o desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção; Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao fórum judicial), Distúrbios de Conduta 12% (Distúrbios de conduta em crianças do ensino fundamental e sua relação com a estrutura familiar) e 11% Estresse Emocional (Estudos neuropsicológicos e de neuroimagem associados ao estresse emocional na infância e adolescência).

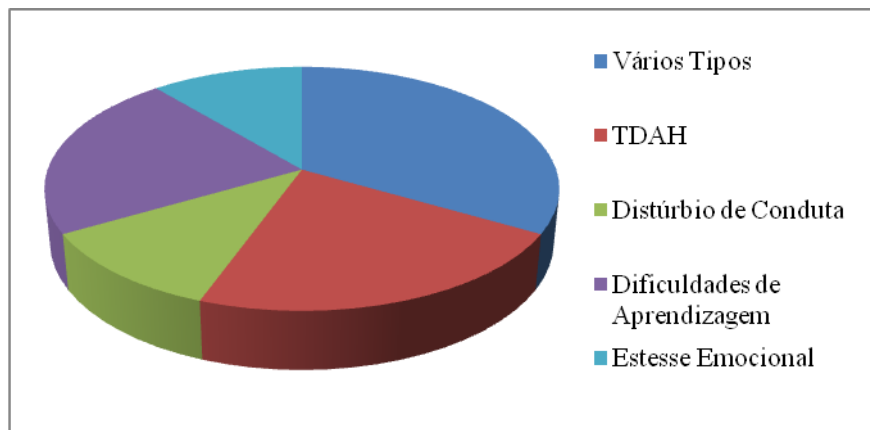


Gráfico 6 – Problemas de saúde mental apresentados pelas vítimas.

Oliveira et. al (2010) faz uma análise de estudos neuropsicológicos e de neuroimagem associados ao estresse emocional na infância e adolescência. As crianças que vivenciam situações psicológicas adversas no meio doméstico podem apresentar consequências para o seu desenvolvimento. São observadas dificuldades intelectuais, de linguagem, de atenção e outras funções cognitivas.

Os sintomas provenientes de vivências de violência doméstica para Paiano et. al (2007) podem refletir os transtornos de conduta, de atenção, de hiperatividade e os emocionais. Sendo que o transtorno mental pode estar presente em crianças de ambos os sexos e em diferentes faixas etárias. A violência domiciliar vivenciada pela criança pode ser considerada um fator de risco para o distúrbio de conduta,

principalmente quando constatado histórico de antecedentes familiares e práticas educativas inapropriadas.

Ferriolli et. al (2007) menciona que os fatores ambientais relacionados aos transtornos psicológicos e ao TDAH, podem estar relacionados a brigas conjugais severas entre os pais/responsáveis, possuindo considerável relevância. Os fatores sociodemográficos associados ao TDAH (baixa renda, baixa escolaridade dos pais e famílias numerosas) são investigados, além de aspectos relacionados ao ambiente familiar (estilo parental, apego pais-filhos, psicopatologia parental e funcionamento familiar). O autor refere ainda que, viver em famílias desorganizadas pode predizer o surgimento de várias alterações no desenvolvimento infantil.

Para Pires et. al (2012) a agressão verbal praticada pelos pais sobre a criança mostrou-se associada ao TDAH. É um tipo de violência psicológica capaz de causar mais danos ao desenvolvimento infantil do que o uso da força física como norma disciplinar. Ainda a criança ao testemunhar violência na família (agressão verbal da mãe sobre o pai e violência física severa do pai sobre a mãe) mostraram-se estatisticamente significantes para explicar o TDAH, bem como a violência física e psicológica entre irmãos. Estudos sobre as formas de violência vividas e sofridas diretamente pela criança merecem ser ampliados, pois são considerados culturalmente uma prática normal entre muitas famílias.

Abramovitch et. al (2008) refere a importância de considerar os fatores de risco potenciais que provém de conflitos âmbito doméstico, entre eles a violência física, a fim de se sugerir medidas de proteção e prevenção. Refletir sobre os determinantes de forma precoce poderá evitar a evolução para problemas de saúde mental, como os diagnósticos de TDAH e outros. As intervenções precoces, como as medidas educativas aos pais na primeira infância, poderão beneficiar crianças que se encontram em famílias vulneráveis que apresentam risco à criança, evitando-se conseqüências para o seu desenvolvimento.

Ainda para Veltman e Browne (2001) apud Pereira et. al (2009) nos EUA realizaram uma análise dos estudos sobre violência doméstica produzidos nas últimas três décadas e constataram que a maioria deles mostrou que a criança vitimizada tinha atraso cognitivo e na área de linguagem. Os autores constataram que em 91% dos estudos as crianças que sofriam violência em casa tinham baixo desempenho escolar e, frequentemente, estudavam em classe especial. A violência doméstica é um tema complexo pelo fato de a criança dificilmente ser vítima de uma

única modalidade de violência, bem como por estar associada, geralmente, a problemas sócio econômicos.

Para Abramovitch et. al (2008) as crianças vítimas de violência doméstica apresentam frequentes alterações do comportamento, além de dificuldades escolares e indisciplina às regras, ocasionando, muitas vezes, o esgotamento das relações interpessoais. A prevalência de transtornos mentais é maior no sexo masculino, tendo uma distribuição variável entre as faixas etárias.

As crianças com história de violência doméstica para Milani & Loureiro (2009) apresentam um autoconceito mais negativo na área comportamento e mais dificuldade no desempenho escolar na área de escrita. Tais dificuldades sugerem prejuízos em áreas que deveriam funcionar como proteção, ou seja, essas crianças não costumam contar com alguns recursos para enfrentar as tarefas essenciais da idade escolar.

Abidin et. al (1992) apud Abramovitch et. al (2008); Ribeiro et. al (2009) referem que as crianças expostas a brigas conjugais dos pais apresentaram risco 11,66 vezes mais alto de terem o diagnóstico de TDAH. Através de estudos empíricos com crianças vítimas de violência doméstica, observaram ainda que as crianças maltratadas tendem a repetir o comportamento a elas aplicado, além da tendência destes se tornarem pessoas que resolvem suas questões através de atos violentos.

Para Pires et. al (2012) as crianças, apesar de serem vítimas diretas de violência familiar, são atingidas emocionalmente ao testemunhar a violência na família. Crianças nessa situação tendem a apresentar mais comumente comportamentos agressivos. Em um estudo com escolares do Rio de Janeiro observou-se que crianças com TDAH tinham maior chance de ter presenciado brigas entre os pais.

Segundo Bronfenbrenner (1998) apud Ferriolli et. al (2007), em ambientes familiares, independente das formas de violência que ali ocorrem, sendo este ambiente instável e incontrolável é identificado como prejudicial ao desenvolvimento de crianças que ali vivem. Para isso é preciso investir em formas de tratamento para aquelas famílias que os serviços de referência identificaram situações de violência, bem como investir em estratégias de prevenção para aquelas que se identifica risco de tais intercorrências.

Silva et.al (2008) embasam a família como o núcleo primário que todos indivíduos deveriam conviver e socializar. Porém, sabemos que essa não é uma regra geral, ou até que este conceito seja uma exceção diante de todas as situações vistas cotidianamente. Diante de tantas realidades cruéis nos domicílios, às vezes, de forma discreta ou silenciosa, outras mais visíveis são indicados investimentos em estratégias preventivas com vistas a diminuir os índices atuais.

A relação com o ambiente social amplo tem implicações na forma como os pais agem com seus filhos e interfere no tipo de desenvolvimento que promove. Segundo Brofenbrenner (1996) apud Silva (2008) o desenvolvimento psicológico da criança é afetado: pela ação recíproca entre os ambientes mais importantes nos quais a criança circula (ex.: família/escola); pelo que ocorre nos ambientes freqüentados pelos pais (ex.: trabalho, organizações comunitárias); pelas mudanças e/ou continuidades que ocorrem com o passar do tempo no ambiente em que a criança vive, e que têm efeito cumulativo.

Pereira et. al (2009) menciona que em relação ao declínio do desempenho escolar da criança vitimizada, é possível citar a dificuldade de aprendizagem, pouco aproveitamento, falta de motivação, evasão escolar, repetência e necessidade de educação especial. Para Paiano et. al (2007) essas dificuldades escolares aparecem em diversos resultados como razão significativa da procura dos pais pelos serviços de saúde. A participação da escola no processo diagnóstico é fundamental, uma vez que pode reforçar a percepção familiar e contribuir para um enfrentamento mais objetivo do problema.

É possível que as informações apresentadas nesta pesquisa não refletem a total dimensão do problema. De acordo com Pereira et. al (2009), entre as limitações dos dados, tem-se principalmente a questão do silêncio que a violência doméstica apresenta, além da perda de seguimento dos serviços públicos de referência, falhas nas notificações dos casos e dificuldades de apresentação de diagnósticos por profissionais de referência.

Para Silva et. al (2008), no Brasil são encontrados poucos estudos relacionados a intervenções com famílias de risco e de aspectos relevantes para a formulação de modelos de intervenção que sejam mais eficazes para a realidade brasileira. Mas isto pode ser possível, visto que há modelos que apontam fatores relevantes a se considerar e estudos já conduzidos indicam algumas estratégias que podem contribuir para o processo de intervenção junto às famílias.

Portanto, para Ferriolli (2007) é imprescindível refletir sobre a possibilidade de maiores pesquisas com ênfase na violência doméstica que envolvam crianças no Brasil e no mundo, a fim de conhecê-la melhor, e desse modo mapeá-la por que ainda é pouco conhecida em relação a dados estatísticos, encontrando assim um diagnóstico que possa auxiliar no direcionamento de medidas de controle, prevenção e ações de atendimento e tratamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados nesta revisão sustentam a ideia de que a violência doméstica é um grande problema de saúde pública. Portanto, intervenções que tenham por objetivo tratar e/ou diminuir essas situações podem impactar na diminuição de problemas de saúde mental encontrados em meio à população brasileira.

Diante da complexidade da violência doméstica contra criança, é visível a necessidade de realizar ações conjuntas entre setores públicos e sociedade civil, a fim de prevenir e enfrentar essas situações. Levantar dados e refletir sobre essa temática nos faz concluir que devemos estar vigilantes à seriedade do problema. A violência se faz presente em muitos lares, espaços que perante a sociedade, seria o local que crianças estariam seguras e tranquilas, elementos indispensáveis para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Tais resultados encontrados nesta revisão introduzem a ideia de que a violência é um ponto marcante na saúde pública e na educação brasileira, que uma parcela dos problemas de saúde mental e dificuldades de aprendizagem encontrados na infância possuem ligação com as diferentes formas de violência que ocorrem dentro dos lares. Portanto, intervenções que tenham o objetivo de reduzir essa demanda poderiam confrontar para diminuição de problemas de saúde mental encontrado em meio a nossa população, bem como os índices de analfabetismo e evasão escolar. Pois os sintomas decorrentes destes tipos de violência vivenciada nos primeiros anos de vida, de zero a aproximadamente cinco anos de idade, podem apresentar sequelas a curto, médio e longo prazo.

A suspeita de crianças vítimas de violência doméstica, incluindo o abuso sexual, devem ser sempre lembradas, principalmente nos serviços de atenção à saúde e nas instituições de ensino, para que possam ser reavaliadas em programas especializados com equipe multiprofissional (médicos, psicólogos, assistentes sociais, conselhos tutelares, etc.). A importância de atendimento multidisciplinar justifica-se para organização de ações preventivas, curativas e se necessário atenção psicossocial e psicopedagógica.

As situações mais graves da criança vítima no âmbito doméstico, acabam chegando aos atendimentos de emergência ou discretamente são percebidas no contexto escolar. Diante desses casos, os profissionais que atendem este público, são responsáveis e devem estar atentos a essas situações de violência, trabalhando com hipóteses, detecção e notificação dessas ocorrências. Outra questão refere-se à omissão de investigar e notificar esses casos, o que significa conivência com essa inaceitável realidade. O acompanhamento da família que maltrata, por profissionais e órgãos especializados são estratégias que devem ser refletidas e conduzidas na prevenção de novas situações de violência à criança.

A compreensão e a visibilidade sobre a violência doméstica ainda são muito prejudicadas por várias razões. As notificações de violência não são vistas como necessárias para muitos profissionais, somente as de média e intensa gravidade que chegam aos hospitais ou centros de saúde; e muitas dessas situações que ali chegam, não são diagnosticados como tal pelos profissionais, seja por falta de formação para esse diagnóstico, seja por falta de interesse de entrar em questões não biológicas. Em suma, a violência doméstica continua sendo tratada como problema do âmbito íntimo e privado das famílias.

É possível que as informações apresentadas nesta pesquisa não reflitam a total dimensão do problema. Entre as limitações dos dados, têm-se a perda de seguimento dos serviços públicos de referência, falhas nas notificações dos casos e dificuldades de apresentação de diagnósticos por profissionais de referência.

É imprescindível refletir sobre a possibilidade de maiores pesquisas com ênfase na violência doméstica que envolvam a infância no Brasil. A fim de conhecê-la e reconhecê-la melhor, e desse modo mapeá-la por que ainda é pouco conhecida em relação a dados estatísticos, encontrando assim um diagnóstico que possa auxiliar no direcionamento de medidas de controle, prevenção e ações de atendimento e tratamento.

Por fim, acreditamos que há muitas questões há serem pesquisadas e esclarecidas sobre esse assunto, visando sensibilizar os serviços, equipes e profissionais para atuar na prevenção e fortalecimento das crianças, bem como as famílias. É de suma importância repensar nossa postura como cidadão e profissional, pois as diminuições dos índices de violência doméstica são responsabilidade de todos.

Sendo assim, torna-se necessário defender o direito constitucional de que todas as crianças devem estar salvas de toda forma de violência, crueldade e opressão para que tenham uma vida digna, enquanto seres humanos em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

ABRANCHES, C.D.; ASSIS, S.G. de. (2011) A Invisibilidade da Violência Psicológica na Infância e Adolescência no Contexto Familiar. *Caderno de Saúde Pública*. Vol.27, nº 05. Rio de Janeiro, maio, 2011.

ABRAMOVITCH, S.; MAIA, M.C.; CHENIAUX, E.; (2008) Transtornos de Déficit de Atenção e do Comportamento Disruptivo: Associação com Abuso físico na Infância. *Revista de Psiquiatria Clínica*. Vol.35, nº04. São Paulo, jan, 2008.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V. N. A. (1998) Com Licença Vamos à Luta. São Paulo: Editora Iglu.

_____. (1995) Como se Conceitua? A Violência Doméstica na Infância e na Adolescência. São Paulo: Editora Robe.

_____. (2001) Mania de Bater: A Punição Corporal Doméstica de Crianças no Brasil. São Paulo: Editora Iglu.

BENETTI, S.P. da. C. (2006) Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol.19, nº 02. Porto Alegre, fev, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Notificação de Maus-tratos contra Crianças e Adolescentes: Um Passo a mais na Cidadania em Saúde. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Constituição Federal. Presidência da República: Brasília; 1990.

BRASIL-Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por

Acidentes e Violências. Portaria GM/MS Nº 737 de 16/05/01. Publicada no DOU nº 96, Seção 1e - de 18/05/01. Brasília: MS/Opas; 2001.

BRASIL-Presidência da República. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Presidência da República; 1990.

DESLANDES, S. F. (1994) Prevenir a Violência: Um Desafio para Profissionais de
DESLANDES, S. F. (1994) Atenção a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica: Análise de um Serviço. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Vol. 10, 1994.

FERRIOLLI, S.H.T.; MATURANO, E.M.; PUNTEL, L.P. (2007) Contexto Familiar e Problemas de Saúde Mental no Programa de Saúde da Família. *Revista de Saúde Pública*. Vol.01, São Paulo, maio, 2007.

GARBIN, C.A.S.; ROVIDA, T.A.S.; JOAQUIM, R.C.; PAULA, A.M. de; QUEIROZ, A.P.D. de G.E. (2011) Violência Denunciada: Ocorrências de Maus Tratos contra Crianças e Adolescentes Registradas em uma Unidade Policial. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol.64, nº 04. Brasília, ago, 2011.

KAPLAN, H.I.; Sadock, B. J.; GREBB, J.A. (1997) *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes médicas.

MALDONADO, D.P.A. (2005) O Comportamento Agressivo de Crianças do Sexo Masculino na Escola e sua Relação com a Violência Doméstica. *Psicologia em Estudo*. Vol.10, nº03. Maringá, dez, 2005.

MILANI, R.G.; LOUREIRO, S.R. (2009) Crianças em Risco Psicossocial Associado à Violência Doméstica: O Desempenho Escolar e o Autoconceito como Condições de Proteção. *Cadernos de Psicologia*. Vol.14, nº 03. Natal, dez, 2009.

MINAYO, M.C.S; SOUZA, E.R. Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

MOURA, A.T.S. de; REICHENHEIM, M.E (2005) Estamos Realmente Detectando Violência Familiar contra a Criança em Serviços de Saúde? A Experiência de um Serviço Público no Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Vol.21, nº 04, ago, 2005.

OLIVEIRA, P.A. de; CUNHA, P.J. (2010) Estudos Neuropsicológicos e de Neuroimagem Associados ao Estresse Emocional na Infância e na Adolescência. *Revista de Psiquiatria Clínica*. Vol. 37, nº 06. São Paulo, dez, 2010.

PAIANO, M.; ANDRADE, B.B; CAZZONI, E., ARAUJO, J.J.; WAIDMAN, M.A.; MARCON, S.S. (2007) Distúrbios de Conduta em Crianças do Ensino Fundamental e sua Relação com a Estrutura Familiar. *Revista Brasileira de Crescimento e*

Desenvolvimento Humano. Vol. 17, nº 02. São Paulo, ago, 2007.

PACHECO, J.; ALVARENGA, P.; REPPOLD, C.; PICCININI, C.A.; HUTZ, C.S. (2005) Estabilidade do Comportamento Anti-Social na Transição da Infância para Adolescência: Uma Perspectiva Desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol.18, nº 01. Porto Alegre, jan, 2005.

PEREIRA, P. C.; SANTOS, A. B. dos; WILLIAMS, L. C. de A. (2009) Desempenho Escolar da Criança Vitimizada Encaminhada ao Fórum Judicial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 25, nº 1. Brasília, março, 2009.

PFEIFFER, L.; ROSARIO, N.A.; CAT, M.N. (2011) Variáveis contra Crianças e Adolescentes- Proposta de Classificação dos Níveis de Gravidade. *Revista Brasileira de Pediatria*. Vol.29, nº 04. São Paulo, dez, 2011.

PIRES, T. de O.; SILVA, C.M.F.P. da; ASSIS, S.G. de (2012) Ambiente Familiar e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. *Revista de Saúde Pública*. Vol.46, nº 04. São Paulo, agosto, 2012.

RAMOS, M.L.C.O.; SILVA, A.L. da (2011) Estudo sobre a Violência Doméstica contra a Criança em Unidades Básicas de Saúde do Município de São Paulo – Brasil. *Saúde e Sociedade*. Vol. 20, nº 01. São Paulo, março, 2011.

RIBEIRO, W.S.; ANDREOLI, S.B.; FERRI, C.P.; PRINCE, M; MARI, J.J. (2009) Exposição a Violência e Problemas de Saúde Mental em Países de Desenvolvimento: Uma Revisão de Literatura. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Vol.31, nº 02. São Paulo, out, 2009.

SILVA, P.A. da; LUNARDI, V.L.; SILVA, M.R.S. da; LUNARDI, W.D. (2009) A Notificação da Violência Intrafamiliar contra Crianças e Adolescentes na Percepção dos Profissionais de Saúde. *Ciência, Cuidado e Saúde*. Vol. 08, nº 01, março, 2009.

SILVA, N.C.B. da; NUNES, C.C.; BETTI, M.C.M.; RIOS, K. de S.A. (2008) Variáveis da Família e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Infantil. *Temas em Psicologia*. Vol.16, nº 02. Ribeirão Preto, maio, 2008.

SILVA, A.M. da; VIEIRA, L.J.E. de S. (2001) Caracterização de Crianças e Adolescentes Atendidos por Maus Tratos em um Hospital de Emergência no Município de Fortaleza-CE. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. Vol.35, nº 01. São Paulo, março de 2001.

SZELBRCIKOWSKI, A.C.; DESSEN, M.A. (2007) Problemas de Comportamento Exteriorizado e as Relações Familiares: Revisão de Literatura. *Psicologia em Estudo*. Vol.12, nº 01. Maringá, jan, 2007.

ROSAS, F.K; CIONEK, M.I.G.D. (2006) O Impacto da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes na Vida e na Aprendizagem. *Conhecimento Interativo*.

Vol.02, nº 01, junho, 2006.

ZAMBON, M.P.; JACINTHO, A.C. de A.; MEDEIROS, M.M. de; GUGLIELMINETTI, R.; MARMO, D.B. (2012) Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: Um Desafio. *Revista da Associação Médica Brasileira*. Vol.58, nº 04. São Paulo, ago, 2012.

Anexos/Apêndice